

Capítulo 2. Do pai presente ao pai como presença – uma análise da configuração subjetiva do *Pequeno Hans*

1. A potência opaca da mãe: uma relação de angústia

As transformações na teoria de Freud em 1926 servem de base para uma nova articulação entre pai e angústia, que se reescreve com a constatação de que a angústia “tem uma qualidade de indefinição e falta de objeto” (Freud, 1925 [1926]: 160).

Além da importância já sinalizada do texto “Inibição, sintoma e angústia”, - onde situamos a reformulação da teoria da angústia, ou seja, sua passagem de produto a agente do recalque -, queremos demarcar algo que ultrapassa esta primeira leitura, e que diz respeito ao limite com o qual Freud se deparou. Ele não conseguiu localizar sua origem, e apontou um novo sentido para este afeto, atribuindo-lhe a característica de ser indefinível. A esta acrescentamos a interpretação de Lacan, a característica “originária” da angústia. De outra forma, podemos dizer que a angústia já está desde sempre.

Claro está que a angústia existe como afeto. “O que é a angústia? Afastamos a idéia de que seja uma emoção. Para introduzi-la, direi que ela é um afeto” (Lacan, 1962-63:23). Por isso Miller distingue duas angústias – a angústia constituinte e a angústia constituída (2004 d). Nós, aqui, vamos dar ênfase à primeira, que diz respeito à angústia “produtora”, aquela que não existe no mundo, senão como uma presença inconsistente.

Partindo desta constatação, a relação entre pai e angústia se modifica. Assim, o pai como ameaçador, presente na realidade, figura que geraria angústia, tem seu papel modificado. A angústia originária, cujo início não se localiza, desliga-se de uma ameaça encarnada, neste caso, o pai.

No entanto, veremos mais adiante, que a relação entre pai e angústia não é dissolvida nem, tampouco, abolida. No caso *Pequeno Hans*, onde constatamos a marca de um excesso do afeto de angústia, veremos que o pai, de fato, é chamado

a comparecer a fim de delimitar tal angústia. Porém, sua presença não depende mais essencialmente da figura do pai da realidade, mesmo que na descrição deste caso a presença do pai seja importante e fundamental para *Hans*, mas da função que lhe é atribuída, denominada por Lacan de função paterna.

Se a angústia é um afeto que com seu poder desconcertante não possui uma origem localizável e não tem como pano de fundo nenhum representante psíquico ou mesmo um representante na realidade, a angústia de castração também não pode mais ser concebida como uma ameaça de castração originada pelo pai como agente na realidade. Não há, a rigor, nada “por traz” da angústia, ela não vela nada. Lacan se refere a esta como castração simbólica, aquela que sustenta seu papel, instaurando uma falta, diferentemente da castração imaginária que incide na realidade, e que ele prefere chamar de frustração. Miller acrescenta que “Lacan faz da castração o nome da falta fundamental que nenhum objeto pode tampar”. (1995:60).

Nesta discussão, tanto o pai perde sua consistência como agente/pai da realidade, - a quem Lacan chamará de pai imaginário, em 1956 -, quanto o valor de idéia/representação velada ou oculta, produto do recalque perde sua existência como conteúdo dotado de significação. Sendo assim, o pai que antes era privilegiado em termos de sua presença na realidade, agente da castração, mudará de estatuto de acordo com a leitura do Seminário 4 – “A relação de objeto” (1956) - de Jacques Lacan.

Nosso objetivo neste ponto consiste em discutir esta nova função do pai, a qual Lacan denominará de função paterna, articulando-a a angústia. Indicaremos a título introdutório o que será desenvolvido mais adiante, a saber, que sua função de castração não incide sobre o corpo na realidade, mas faz operar uma proibição¹.

Constatamos, desde Freud (1925[1926]: 125) e também com Lacan (1956: 225), o quanto o papel do pai não se dissocia da castração. Pelo contrário, seu papel é fundamental e é dele que a castração depende.

Freud articula a relação entre o pai e a castração na discussão do caso *Hans* em (1925[1926]: 125), quando elabora a solução fóbica como o processo de transformação da angústia de castração que é, então, distorcida e dirigida para um objeto e substituída por ele. Desta forma, o temor não se associa mais diretamente

¹ Esta consideração corresponde à concepção do pai como responsável pela proibição em termos simbólicos da relação incestuosa com a mãe (Lacan, 1956:214-215).

ao pai, pois é substituído pelo medo de cavalos. Portanto, nota-se que a ameaça depende do pai, mesmo que alterada pela substituição e pela distorção. Mas em 1909, quando Freud relata a análise do caso *Hans*, observamos a precariedade do pai, pois este não lhe proibia nada (1909: 95).

Lacan (1956), por sua vez, considera que o pai interditor exerce o papel de uma função, cuja incidência resulta na castração. A figura do pai da realidade não é mais essencial e exclusivamente necessária, e a função de interditar a relação calcada na dualidade entre mãe e filho, pode ser exercida por outra instância. Porém, defrontamo-nos com o impasse diante do qual *Hans* fica impedido, a princípio, de encontrar uma saída para apaziguar sua angústia decorrente desta relação. A fobia é, então, uma tentativa de solucionar isto que a função paterna desempenha de forma insuficiente - a proibição. A resposta fóbica aparece, sob o pano de fundo da angústia originada na relação de dualidade entre *Hans* e sua mãe.

O duplo aspecto da angústia se desdobra tanto na “potência opaca” que aparentemente apaga qualquer diferença na relação entre mãe e filho, ocasionando o que Lacan chama de captura imaginária (1956:249-250), quanto no caráter de excesso disforme da angústia que, em relação com tal apagamento, age sobre *Hans*. A expressão “potência opaca” foi retirada do livro de Jacques-Allain Miller, intitulado “A lógica na direção da cura” (1995: 67). A opacidade define a crença na complementaridade estabelecida entre ele e sua mãe. Ela é um atributo que definirá, por excelência, a relação de *Hans* com sua mãe e a decorrente solução pela fobia. De acordo com a consulta ao dicionário (1986:1226), escolhemos alguns sinônimos, dentre vários outros que descrevem a relação citada: espesso, denso, fechado. Para sair desta situação, ele cria soluções através da fobia que o possibilitam delimitar no cavalo, a angústia em excesso. Veremos adiante que Lacan define este excesso quando a falta é “apagada”, ou seja quando ela falta².

De acordo com Lacan,

O que a criança pode fazer de melhor, nessa situação, em que está aprisionada na captura imaginária, nessa armadilha onde ela se introduz para ser o objeto de sua mãe, é passar além e se dar conta, pouco a pouco, se assim podemos dizer, daquilo que ela realmente é (1956: 249-250).

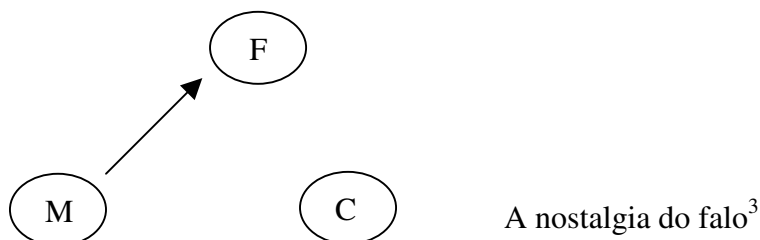
² Lacan se refere a isto como um excesso, ou seja, quando a falta falta (1962-63: 52).

No entanto, o problema nesse caso localiza-se diante de um impasse. *Hans* não consegue desvencilhar-se da posição baseada na captura imaginária, cujos efeitos são recolhidos como angústia.

Para poder delimitar a angústia em excesso, decorrente da situação descrita, tornava-se necessário instaurar um intervalo na relação entre mãe e filho, onde se verificava esta espécie de complementaridade. *Hans* ocupava uma posição, a partir da qual parecia ser possível preencher a falta da mãe, colocando-se como um objeto, o falo imaginário, que supostamente poderia suprir esta falta. Em tal relação, “[...] a criança oferece à mãe o objeto imaginário do falo, para proporcionar-lhe sua satisfação completa [...]” (Lacan, 1956:212). No entanto, a falta não entrava no jogo para *Hans*, pois para poder se deparar com ela, era preciso distanciar-se de tal posicionamento.

Segundo Lacan,

Vejam a posição, tal como a desenho aqui, o imaginário, isto é, o desejo do falo da mãe; ali, a criança, nosso centro, que tem que descobrir esse mais-além; a falta no objeto materno (Lacan, 1956: 206).



Vejamos, então, o que ocorre nesta relação. Por quê ele se coloca complementando a mãe? A mãe em sua falta deseja algo que possa ser colocado neste lugar. Lacan chama este complemento de falo imaginário, ou seja, o falo que a mãe deseja possuir. No entanto, este complemento, sendo “colado” em *Hans*, supostamente enganaria sua falta. Desta forma, *Hans* ocupa uma posição nesta relação que mantém a falta da mãe fora do jogo. Quando a falta não entra no jogo ou quando é apagada, esta relação que resulta em angústia, e é nisto que *Hans* se

³ Lacan, 1956:206. M= Mãe, C=Criança e F=Falo.

vê aprisionado. Lacan dirá que é preciso localizar a falta da mãe e isto retiraria *Hans* da posição que também é chamada, neste mesmo Seminário (1956), de posição de objeto. Acrescenta que o que localizaria a falta, sem excluí-la do jogo, seria o significante fálico, ou o falo simbólico. Desta forma, o significante fálico, como significante impossível de ser preenchido ou complementado, depende da operação atribuída ao pai, o que Lacan chama de função paterna. Trata-se de localizar o significante fálico, fazendo com que o falo não seja colocado em termos de objetos complementares (falo imaginário).

O impasse da situação edípica de *Hans* introduz a saída pela fobia, que se faz necessária para retirá-lo das garras da mãe. No momento concernente à escrita do Seminário 4, Lacan considera a fobia uma solução que viria no lugar da carência da função atribuída ao pai, como pai que sustentaria a falta em sua função. O que observamos é que a falta da mãe permanece localizada em termos da possível complementação pelo falo imaginário, para o qual *Hans* se empresta.

De acordo com Miller (1995: 65), o esquema que apresentamos, composto pelos três elementos, a saber, - criança, mãe e falo -, mostra que a relação da mãe e da criança se articula em relação ao falo. Para localizar tal conflito que desenha a configuração familiar de *Hans* descrita por Freud, o falo localiza a falta da mãe, mas não para *Hans*, que prontamente ocupa este lugar da falta. Isto impede a falta entrar no jogo desta configuração.

Portanto, a angústia surge justamente porque não é possível situar este mais-além da mãe, ou melhor, algo que diz respeito à falta. Nesta situação, *Hans* se posiciona no lugar de F (ver a ilustração), o falo imaginário, objeto desejado pela mãe, que supostamente poderia ser preenchido por ele.

Para concluirmos esta breve apresentação do impasse que será solucionado pela fobia - sua relação com a angústia e o papel da função paterna - apontaremos que o pai responsável pela função descrita acima, não se define exclusivamente pela sua presença como pai encarnado.

[...] um dos princípios mais fundamentais em psicanálise é que o pai é, em primeiro lugar, um nome, um significante – e apenas secundariamente uma pessoa (um homem na maioria dos casos) (Regnault, 1997:81).

O pai é aquilo que instaura uma lei que perdura para além de sua fala na realidade⁴. Sua função é introduzir a falta na relação demasiadamente complementar entre *Hans* e sua mãe. Veremos também, ao longo do desenvolvimento deste capítulo, o quanto esta relação é calcada no jogo de perguntas e respostas, em termos lineares. A impossibilidade de *Hans* se deparar com a ausência de resposta para a diferença entre os sexos, que ele já havia observado e constatado, constitui o cerne da saída pela fobia para o excesso de angústia que a acompanha.

2. Da angústia ao medo e a saída pela fobia

Retornemos mais uma vez a “Inibição, sintoma e angústia” (1925 [1926]), onde já localizamos o momento de virada da teoria da angústia e sua articulação com a formação da fobia de *Hans*.

Transpondo as considerações iniciais que antecediam a reformulação da teoria da angústia de Freud para o caso em questão, o pai estaria localizado como o agente e responsável pelo afastamento da idéia que não podia ser mantida consciente - o ódio dirigido a ele. Este conflito destinava-o e aprisionava-o na figura essencial no processo de recalçamento. Era a ele que se ligavam idéias ambivalentes e contraditórias: *Hans* amava-o, assim como também odiava-o. E como vimos, uma destas idéias, o ódio, deveria ser condenada, ou seja, recalçada. Neste contexto, *Hans* deveria temer o próprio pai.

Segundo Freud (1925 [1926]: 160), o medo (*Furcht*), diferentemente da angústia (*Angst*), se liga a um objeto específico, de caráter ameaçador, do qual surgiria a ameaça. De acordo com esta formulação, é pelo pai como agente da castração que *Hans* deveria sentir-se ameaçado, ou seja, deste pai que configura um personagem da vida do menino, e do qual deveria ter medo.

É na diferença entre angústia e medo, que Freud irá esclarecer a distinção entre as angústias realística e neurótica. A primeira é mais simples de ser

⁴ Constatamos ao longo da leitura do Seminário 4 (1956) , que o pai se desdobra em algumas funções. De acordo com Lacan, o pai da realidade é chamado de pai imaginário, e aquele que instaura a proibição, de pai simbólico.

compreendida, pois se liga a um perigo, conhecido, podendo ser designada como medo. Já no caso da segunda angústia, a neurótica, é introduzida uma importante diferença, a de que ela é uma angústia relacionada a um perigo desconhecido.

[A angústia (*Angst*)] tem uma qualidade de indefinição e falta de objeto. Em linguagem precisa empregamos a palavra medo (*Furcht*) de preferência a angústia (*Angst*) se tiver encontrado um objeto (Freud, 1925 [1926]: 160).

Freud estabelece a relação da angústia com a neurose, ou seja, a angústia cuja origem não pode ser determinada é a que marca a neurose, enquanto que o medo (*Furcht*) pode ser atribuído a qualquer estado, neurótico ou não. O medo restringe-se, então, a um objeto definido.

Na discussão do caso de fobia, Freud afirma que, de fato, o pai não apresentava nenhuma ameaça para o menino. Pelo contrário, educava-o com muita atenção, liberdade, afeição e muitos cuidados. Sendo assim, *Hans* não deveria temer o pai que tanto o amava (1909:95). Seu pai era muito gentil e segundo Miller “um pai moderno” por sua permissividade, e “muito gentil, [que] discute com ele, vai brincar com ele” (Miller, 1995:74).

A diferenciação apresentada entre as duas angústias nos permite uma leitura diferente daquela compreendida na idéia recalcada dotada de significação já que o sintoma, após a reformulação da teoria da angústia, passa a ser uma resposta à angústia, mas à angústia sem significante, sem representante e, portanto, originária.

A idéia da representação pulsional - o ódio dirigido ao pai - com um conteúdo específico, que poderia consistir em um perigo ao ser descarregada, é abandonada, dando lugar ao afeto inominável. Da mesma forma, a ameaça de castração de *Hans*, que parecia consistir numa ameaça a nível concreto, da realidade, cede lugar para uma ameaça de outra ordem, originária e destituída de representação.

De início, o pai representava a ameaça de castração, encarnando o agente contingencial de tal operação, mas Freud passou a atribuir à ameaça de castração um fator originário, sem localização.

Sabemos não se tratar mais de uma angústia ligada a um objeto neste momento da obra de Freud (1925 [1926]). No caso *Hans*, é possível vislumbrar o importante papel da angústia na formação da fobia, que não está mais ligada a um

agente externo, o pai. Agora a angústia serve de motor que tenta retirar *Hans* de uma situação edípica que o angustia, pois se encontra fisgado numa relação dual de comparação; uma relação onde prevalecem respostas e sentidos.

A resposta fóbica, como solução para a angústia, liga-a a um objeto e transforma este último em um objeto a ser temido. Desta forma consegue conter a angústia em um objeto externo - o cavalo-, criando também possibilidades de evitá-la.

Mas antes de nos determos no desenvolvimento da solução fóbica pela eleição de um objeto temido, e seus desdobramentos, consideramos importante apresentar com mais detalhes o impasse edípico de *Hans*.

3. O impasse edípico de *Hans*

Lacan, movido pelo questionamento de que pai se trata para que uma proibição ou uma interdição possa valer efetivamente, conclui que, “formular a pergunta ‘o que é um pai?’, é algo diverso de ser-se um pai, aceder a posição paterna” (Lacan, 1956: 209).

É em torno desta constatação referente ao pai que localizamos o núcleo da falta de contenção do excesso de angústia, pois ela depende do pai como função e não do pai presente e encarnado na realidade. Apesar da constatação da precária participação do pai proibidor, veremos que ele não está completamente ausente. Isto será verificado no fato que *Hans* irá encontrar um lugar na própria solução fóbica, para a função que o pai deveria exercer.

No entanto, não é somente do papel do pai que deriva o impasse edípico, mas também de seu posicionamento como falo imaginário para a mãe. A partir da leitura de Lacan, a mãe ocupa um lugar central e importante, pois é também na relação com ela que algo não vai bem. A primeira posição ocupada por *Hans* edipicamente é a de falo imaginário, ou seja, do lugar daquilo que poderia suprir a falta da mãe. No entanto, isto o angustia em demasia, já que apaga a falta.

A mãe de *Hans* lhe oferecia respostas que obturavam uma constatação que *Hans* já havia estabelecido, a da diferença entre os sexos, pois o menino costumava observar seus pais se despirem. Certa vez perguntara a ela se também

possuía um *Wiwimacher* (traduzido por “fazedor de pipi” 1909:22). Apesar da pergunta se referir ao órgão genital como objeto da realidade, *Hans* já havia constatado uma diferença, da ordem da presença e da ausência de tal órgão. O pai, assim como ele, possuía um pênis, mas observara na mãe a ausência de tal órgão.

Para tanto, necessitava criar uma solução que incluísse isto que se apresentava como uma diferença entre os sexos. Porém, jamais poderia encontrar uma resposta única que correspondesse à dissolução desta diferença, pois ela comporta a marca de um descompasso impossível de ser representado. Acontece que a diferença entre os sexos que *Hans* constatava era anulada pelas falas da mãe que insistia em explicar-lhe tudo, atribuindo sentido a todos os questionamentos do filho, além de responder-lhe em termos comparativos.

Certa vez a mãe afirmara que também possuía um *Wiwimacher*, e *Hans* tornou a ocupar-se em comparar e observar os órgãos dos seres vivos e das pessoas maiores que ele, concluindo que “[...] se ela [a mãe] tivesse um, deveria ser tão grande quanto o de um cavalo” (Lacan, 1956: 209-210).

A dualidade e a comparação somam fatores importantes para o início da formação sintomática pela fobia. Segundo Lacan, a resposta obtida pela mãe mantinha *Hans* na posição de igualdade e de comparação, fato que impedia a inclusão do questionamento de *Hans* sobre a diferença entre os sexos. O que poderia vir a ser o representante de uma diferença, ou seja, - a ausência de pênis na mãe -, foi obturado pela resposta da presença do *Wiwimacher* em termos de igualdade.

O que revela esta primeira abordagem por *Hans* da relação edipiana? O que se desempenha no ato de comparação não nos faz sair do plano imaginário. O jogo continua no plano do engodo. [...] O que resulta disso? (Lacan, 1956: 211).

A única opção entre “ou eu ou o outro” limitava a resposta de um lado, ou de outro, deixando *Hans* sem lugar para se deparar com qualquer diferença, o que provocava sua permanência como falo imaginário da mãe.

Diante desta situação era preciso que o pai interviesse na relação estabelecida entre tal relação dual. No entanto, devemos ficar atentos para não confundirmos o próprio pai de *Hans*, cujo papel é essencial na configuração familiar do menino, com a sustentação da função paterna. Na descrição das observações do caso *Hans*, o pai da realidade coincide muitas vezes com o pai da

função paterna. Afastando-nos deste caso, nem sempre esta coincidência poderá ser localizada.

Mas do que se trata quando falamos de uma intervenção da função paterna? O pai deve intervir na relação que Lacan chama em 1956 de imaginária, calcada na linearidade, sem intervalos para indagações sobre a sexualidade.

A função paterna mostrava-se insuficiente, principalmente pelo efeito constatado de não delimitar a angústia decorrente da dualidade. *Hans* recorreu à fobia, a fim de criar delimitações e proibições bastante próprias, ou seja, criou alternativas que dessem corpo à função de proibição.

Abordaremos mais adiante, no capítulo 4, o papel do pai que independe de sua presença na realidade, aquele que se traduz pela intervenção que produz a internalização de uma separação ou de uma proibição, que chamaremos de Nome-do-Pai.

Recolhemos, pois, dois pontos importantes observados na configuração familiar de *Hans*, que permitem o desenvolvimento da questão concernente à solução para a angústia através da fobia: a precariedade do pai como interditor e a relação excessivamente calcada na dualidade do menino com a mãe.

4. A fobia: uma suplência à função paterna

Lacan afirma em 1956, que a fobia é uma tentativa que vem no lugar da função paterna, atribuindo-lhe o termo não muito comum nesta época para a neurose: a suplência.

A suplência é comumente usada para designar algo que vem no lugar da ausência, ou como Lacan denomina, da forclusão do Nome-do-Pai nos casos de psicose. Apropriamo-nos deste termo para a fobia, considerando apenas o problema da carência da função paterna, e não da ausência da mesma.

Argumenta que “trata-se de que o *Pequeno Hans* encontre uma suplência para este pai que se obstina em não querer castrá-lo” (1956:375). A necessidade de suprir a função do pai que, neste caso, constatamos ser precária, surge diante da emergência em encontrar meios para delimitar a angústia. Este último termo, a “delimitação”, vincula-se também à interdição, constituindo assim as duas funções

essenciais presentes na eleição do significante cavalo. *Hans*, de fato, consegue apaziguar/delimitar a angústia, criando seus próprios meios. Estes meios consistem em interdições e delimitações de circuitos na cidade.

Porém, de acordo com a nossa articulação, a fobia será uma solução de suplência à função paterna, o que quer dizer que ainda não é uma solução permanente. Constata-se na fobia de *Hans* que ele permanece refém dos meios que encontra, uma vez que estes o afastam apenas provisoriamente da angústia, necessitando da constante manutenção do distanciamento dos cavalos.

Voltemos novamente à discussão acerca do pai. No início deste capítulo afirmamos que o pai de *Hans*, o pai da realidade era muito presente, preocupando-se em satisfazer todas as necessidades e vontades do filho.

No entanto, de acordo com Miller, “veremos, [...] que o *Pequeno Hans* não deixa de pedir que seu pai seja um pai duro, um pai que lhe repreve algo”. *Hans* sabia que necessitava “de um corte de seu pai e não deixa de pedir isso a ele de todas as maneiras” (Miller, 1995:74).

Hans de fato, solicita a intervenção paterna de uma maneira bastante peculiar, concluindo que seu pai deveria sentir raiva diante da posição “privilegiada” que ele ocupava e que, no entanto, constituía uma armadilha angustiante.

As solicitações de *Hans* dirigiam-se ao pai da realidade. Contudo, os chamados à intervenção e à proibição dependiam do pai que sustenta com sua figura a função paterna.

Para nos aprofundarmos no desenvolvimento desta função, precisamos também retomar o papel do falo. Lacan denomina de falo imaginário o objeto que seria capaz de completar a mãe. Vimos que inicialmente, *Hans* se posicionava como este objeto que viria no lugar da falta da mãe, esta que, por sua vez, fez questão de mantê-lo nesta posição. Desta forma, concluímos que a relação de ambos mantinha-se numa dependência de complementaridade angustiante.

Dissemos que a mãe se apresenta para a criança como a exigência daquilo que lhe falta, a saber, o falo que não tem. [No entanto,] o falo tem um valor simbólico no sistema significante, e porque ele é assim, retransmitido através de todos os textos do discurso inter-humano, que ele se impõe (Lacan, 1956: 266).

Nesta passagem, Lacan afirma que o falo tem um valor simbólico no sistema significante, ou seja, localizar a falta. Sua função é bastante específica, pois é um significante que representa a falta. Até então, tinha sido possível constatar seu valor imaginário, aquele de complementação da falta da mãe.

A transposição do falo imaginário como objeto de posse, para o falo simbólico, que institui o valor de ser intercambiável exige de *Hans* alguns reposicionamentos na configuração familiar.

Trata-se agora de que a criança perceba que este elemento imaginário tem valor simbólico. E isso é impossível para ele [*Hans*], superar (Lacan, 1956: 267).

A superação da mudança do valor do falo depende também da dissolução da relação calcada principalmente na complementaridade, na igualdade e na comparação.

Capturado nesta relação, e sob seu domínio, *Hans* encontrou uma solução pela via da fobia. Curiosamente, a fobia só eclodiu mais de um ano após o nascimento de sua irmã. Com seu nascimento, *Hans* só tinha duas saídas - ou ele era retirado por ela - haveria uma troca de objetos/falos imaginários -, ou seja, *Hanna*⁵ ocuparia seu lugar -, ou ele (*Hans*) permaneceria nesta posição de ser o falo para a mãe, deixando sua irmã de fora. Este exemplo parece esclarecer a captura e a estreita saída a qual estava submetido, pois sendo um complemento, não lhe restava nenhum outro lugar.

Neste ponto Lacan localiza o impasse para o qual a função paterna não se apresenta de forma satisfatória. Veremos que a solução fóbica constituía uma espécie de primeira saída para este impasse, a suplência do pai simbólico. Lacan assinala também que a passagem do falo imaginário para o falo simbólico se dará através de alguns desvios com a eleição do objeto fóbico e com a criação de impedimentos e mitos⁶.

⁵ Optamos por escrever seu nome de acordo com a escrita original alemã. Na edição brasileira dos Seminários de Lacan, consta a escrita "Anna".

⁶ Tema que será desenvolvido no ponto 3 do terceiro capítulo.

5. Um objeto que porta a angústia

A fobia não é de modo algum a angústia. A angústia – e aí não faço mais que repetir Freud, que o articulou com perfeição – é algo sem objeto. Os cavalos saem da angústia, [mas o que eles portam é o medo.]⁷ O medo concerne sempre a algo articulável, nomeável, real⁸: estes cavalos podem morder, eles podem cair, eles têm ainda muitas outras propriedades. Pode ser até mesmo que conservem neles os vestígios da angústia (Lacan, 1956: 252).

Nosso objetivo define-se, neste ponto, em introduzir a discussão do objeto na fobia, que por um lado porta a angústia, mas por outro não isenta *Hans* de livrar-se dela.

Consideramos o cavalo do caso *Hans* como o objeto que porta a angústia, justamente porque ele se ergue e aparece sobre o fundo da angústia. Lacan, referindo-se a Freud, aponta que

Este [Freud] sublinha desde o começo da observação que convém separar corretamente a angústia da fobia. Se existem aí duas coisas que se sucedem, não é sem razão: uma vem em socorro da outra, o objeto fóbico vem preencher sua função sobre o fundo da angústia (Lacan, 1956: 211).

Sabemos que havia um excesso de angústia sem contornos e sem delimitações derivado da relação dual entre *Hans* e sua mãe, para o qual a solução encontrada por *Hans* estabeleceu alguns contornos com a escolha do objeto fóbico “cavalo”.

A escolha de um objeto na realidade, tal como aparece na fobia de *Hans*, parece a princípio, uma escolha simples. Temer cavalos ou mesmo outros animais na infância é algo bastante comum. Geralmente as crianças demonstram temer animais, a escuridão, o abandono; - ou seja, os temores fazem parte da vida infantil.

No entanto, a escolha do cavalo por *Hans* nos permite um desenvolvimento bem mais amplo e para além do medo, dentre o qual privilegiaremos o estatuto do terror pelo objeto. Isto significa que este objeto e sua presença implicam uma dimensão que ultrapassa uma possível ameaça que o

⁷ Lacan afirma que os cavalos portam o medo. No entanto, lemos esta afirmação no sentido de que eles portam a angústia, e de que o medo ocorre diante da presença do cavalo como objeto definido, do qual *Hans* pode fugir. O objeto delimita em si a angústia, o que é indicado ao final desta passagem, pois eles conservam vestígios de angústia.

⁸ Leia-se nesta passagem real no sentido de realidade.

animal poderia, de fato, representar. Desta forma, há algo da angústia que se apresenta no encontro como o cavalo. A reação de *Hans*, por sua vez, consiste em temê-lo, mas de acordo com a discussão que fizemos entre o medo e a angústia, o primeiro está diretamente ligado ao objeto, enquanto que a angústia para a qual mesmo Freud atribuiu a indefinição de objeto, afeta *Hans* independentemente da presença do objeto na realidade.

No presente caso, o cavalo de fato ocupa um lugar específico na realidade, e no contexto da cidade na qual *Hans* residia. Mas devemos mantermo-nos atentos ao fato de que o cavalo em si não é responsável pela angústia do menino, quando ambos se encontram. Assim, distinguimos novamente o medo da angústia, e constatamos que a presença do objeto cavalo provoca uma reação de horror que excede qualquer reação de medo.

A partir do texto do Seminário 4 de Lacan - “A relação de objeto”(1956) - recolhemos algumas considerações possíveis acerca do objeto. Até então desenvolvemos uma primeira consideração sobre esta relação, aquela que se refere ao posicionamento de *Hans* designando-o como falo imaginário para a mãe, ao qual Lacan atribui também o lugar de objeto. *Hans* seria o objeto que complementar a mãe em sua falta. Esta é a primeira concepção do objeto deste Seminário de Lacan, ou seja, a de um objeto complementar.

Nesta relação de comparação com a mãe, a questão da diferença entre os sexos era mantida excluída da configuração edípica. A ausência daquilo que resta como “não-resposta” fazia com que tudo parecesse possível ser preenchido por objetos, a saber, o próprio *Hans* como falo/objeto da mãe. *Hans*, situado nesta posição, não poderia encontrar na sua relação edípica, uma solução que incluísse algo da ausência de resposta e sentido. Permanecia capturado e angustiado.

Como poderia encontrar uma solução para tal angústia? Certamente *Hans* não havia formulado esta pergunta, mas a escolha do cavalo como objeto a ser temido resolvia em parte a delimitação da angústia.

Assim, o cavalo como objeto localizado no meio externo, na cidade onde morava, tornou-se o portador da angústia, erguendo-se sobre o fundo da angústia, deslocando assim a angústia da relação com a mãe para o meio externo. Como conseqüência desta localização poderia agora tentar evitar deparar-se com os cavalos na rua.

Observamos uma sensível mudança do estatuto do objeto, agora separado da relação dual e localizado fora do contexto familiar de *Hans*. Não se trata mais de um objeto complementar, mas de um objeto que porta algo da ordem de uma indefinição, a angústia.

De acordo com Lacan, Freud sabiamente distinguiu a angústia da fobia, pois não é a fobia que gera a angústia. Pelo contrário, ela delimita a angústia, localizando-a sob um nome. O cavalo aparece como este nome, um certo representante para a angústia. Ele porta a angústia, aquela que afetava *Hans* no encontro de captura com a mãe.

Conforme nossos objetivos citados acima, o temor pelo cavalo mostrava-se uma solução importante para *Hans* naquele momento, mas insuficiente para mantê-la afastada. O cavalo agora portador da angústia passa a ser evitado a todo custo.

O meio particular de evitar a angústia, encontrado por *Hans*, de forma paradoxal, mantinha-o incessantemente às voltas com os cavalos e com a angústia, pois o encontro com eles não deveria ocorrer de forma alguma.

Portanto, a delimitação da angústia por este objeto dependia da sua circunscrição na realidade. A constante preocupação de *Hans* em delimitar espaços tornava-se necessária, sem interrupções, e de forma constante, para impedir assim, de angustiar-se.

A saída para a angústia permite uma reorganização do mundo de *Hans*.

Lacan diz que a angústia é sem objeto, tal como Freud disse em “Inibição, sintoma e angústia”. A angústia é uma relação pura do sujeito com a falta de objeto. Tocar a angústia é reforçar o tema da falta de objeto. Em todo esse seminário, Lacan apresenta a fobia sobre o fundo de angústia, já como uma estruturação do mundo, que permite ao sujeito situar-se (Miller, 1995:93).

6. Circuitos

[...], todos os comentários de Lacan sobre o caso do *Pequeno Hans* procuram mostrar a particularidade do espaço que se constitui na fobia, quando falta ou é deficitária a instituição do obstáculo. É preciso então que o sujeito invente o objeto fóbico, aquele que encarna a função do obstáculo e que é por excelência o objeto que não se pode encontrar, o objeto que obriga o sujeito a fazer circuitos, desvios, para evitá-los (Miller, 2000: 17).

Uma vez encontrada uma solução para o excesso de angústia, localizada agora no cavalo, *Hans* traça circuitos que incluem algumas evitações e proibições em torno deste mesmo objeto.

Hans torna, desta forma, alguns lugares transitáveis e outros intransitáveis. Alguns desvios consistiam na demarcação de campos, áreas, ou seja, lugares na cidade que podiam e que não podiam ser “visitados”, desenhando assim algumas proibições.

Tais demarcações vinham justamente como tentativas de suprir a função paterna – a proibição -, estabelecendo interdições e instaurando impedimentos. Portanto, os circuitos servem como uma rede desenhada na cidade que inclui o que é permitido e o que é proibido, encontrando, assim, um lugar também para impedimentos.

7. Duas manifestações do real

O impasse edípico de *Hans* dificultava a inclusão da diferença entre os sexos como ausência de resposta. Há um ponto para o qual não é possível encontrar nomes, ponto este que independe de qualquer conteúdo e significação, ao qual Lacan chamou de real. Este registro comporta uma dimensão impossível de ser apreendida, pois ela se define por um vazio que lhe é intrínseco. O real não consiste em nada, e sua presença só se deixa apreender pela significação que poderá lhe nomear. Isto é o que vimos ocorrer na escolha significativa do cavalo de *Hans*, que vem como um nome sobre o fundo de angústia. Constatamos, então, algumas enumerações conceituais que se aproximam do real, a saber, a angústia e o desejo da mãe.

A respeito da angústia, sua aproximação se sustentará pela indefinição (de acordo com as formulações de Freud em 1926) ou pela ausência de objeto (de acordo com as formulações de Lacan no Seminário 10, em 1962-63). A angústia, assim como o real, não consiste em termos dotados de significação. No caso do desejo da mãe, o que será desenvolvido mais adiante, *Hans* se depara com algo da ordem de uma impossibilidade de significação. Tudo parecia bem arrumado para

ele na posição de falo imaginário, arrumado até demais.⁹ No entanto, sair deste lugar implicava confrontar-se com algo da ordem de um caos, pois o desejo, uma vez definido, deixa de sê-lo. Ele é, assim como o real, impossível de ser dito. “O que a mãe deseja?”, consiste numa pergunta que não será respondida, já que o desejo aponta sempre para uma outra coisa. Não há nada que represente o desejo. Segundo Miller, “nunca se pode dizer diretamente o desejo como tal, que ele é dito sempre entre palavras” (1995:43).

Anotamos três conceitos que se referem ao vazio: real, angústia e desejo. Devido à indefinição que lhes são característicos, é preciso, portanto, alguma nomeação, um nome que venha em seus lugares, e que lhes dêem alguma forma de organização.

Mas, antes de nos determos na questão da nomeação do real na fobia, iremos apresentar o recorte de duas manifestações do real no caso *Hans* que estão relacionadas tanto à manifestação da angústia, quanto ao desejo da mãe que entra em cena.

Lacan localiza duas circunstâncias importantes e contingentes, nas quais *Hans* se depara com o real (1956-57), que são o nascimento de sua irmã *Hanna* e a manifestação de seu pênis real.

Para o *Pequeno Hans*, esse esquema veio se complicar com a introdução de dois elementos reais. Por um lado, *Hanna*, isto é, uma criança real, complica a situação, as relações com o mais-além da mãe. E depois há também alguma coisa que lhe pertence de fato, mas com a qual ele não sabe, literalmente, o que fazer: um pênis real, que começa a se agitar [...] (Lacan, 1956-57: 368).

Estas situações que Lacan afirma serem “complicadoras” lançam-no à necessidade de um re-posicionamento edípico, o que possibilita o início da indagação sobre a falta da mãe e sobre seu desejo, ou de acordo com as próprias palavras de Lacan, “o mais além da mãe”. Se sua mãe lhe tinha como objeto, é porque algo lhe faltava. Esta é a castração da mãe.

Primeiro *Hans* confrontou-se com o fato de que os objetos poderiam ser substituídos. Se ele bastava à mãe, porque ela voltava suas atenções para uma nova criança? Esta pergunta colocou em cena a falta da mãe, o mais-além da mãe.

⁹ Ver nota p.38.

O que *Hans* é agora para sua mãe, após o nascimento de sua irmã? É em torno disso que se introduz pela primeira vez um questionamento para o qual ele não encontra respostas objetivas, uma vez que o desejo da mãe vai ao infinito.

É no confronto com a necessidade de interpretar o desejo da mãe, visto que o desejo não pode ser respondido, que *Hans* pode se reposicionar. A interpretação do desejo e a nomeação do mesmo através de um significante resultam na interrupção do deslocamento metonímico¹⁰ constatado na sucessão de objetos para a mãe: primeiro *Hans*, depois *Hanna*, sua irmã. Para a interpretação do desejo, ou seja, a escolha de um significante que nomeie o desejo, e que sirva como um ponto de parada nesta série de objetos, *Hans* recorrerá ao que Lacan denominou de metáfora paterna.

Se *Hans* não é mais o objeto que supostamente completa a mãe em sua falta, já que há uma outra criança desejada, é preciso que ele interprete este desejo, para sair assim, da posição de objeto de troca. Contudo, este reposicionamento não ocorre de forma simples.

Nas últimas lições do Seminário 4 (1956), Lacan apresenta vários esquemas/fórmulas que servem para pensar a posição de *Hans* diante da mãe, da irmã e do pai, ou seja, sua posição edípica.

Escolhemos duas delas, que parecem definir a situação de *Hans*, após o nascimento de *Hanna*. Vejamos a primeira formulação: $(M + \phi + A)$, onde M está para a mãe, ϕ para o falo, e A para a irmã (Lacan, 1956-57:390).

Diante desta configuração, Lacan afirma que,

em suma, não existe saída pelo lado da foice, do grande C do complexo de castração [do Édipo], não existe mais a possibilidade de uma mediação, isto é, de perder, e depois reencontrar seu pênis (1956-57: 390).

Hans ou é o falo imaginário ou sai de cena. O falo simbólico, como localização de uma falta não serve aqui como elemento de mediação. Se neste ponto reconhecemos um impasse, é porque *Hans* necessita de uma intervenção que interrompa a série de objetos acumulados de forma metonímica: *Hans* e depois *Hanna*.

A segunda formulação¹¹ inclui a manifestação do real:

¹⁰ Segundo Lacan, “a combinação de um termo com outro”. (1958 a: 628)

¹¹ Lacan, 1956-57:391.

$(M + \varphi + A) M \sim m + \Pi$, onde Lacan acrescenta m para a mordida real, e Π para o pênis (Lacan, 1956-57:391).

O que temos neste acréscimo é a manifestação real, o pênis real que, assim como o nascimento de *Hanna*, aparece como sem-sentido.

É na medida em que chegou a este impasse que ele [*Hans*] desconhece outra relação com o real além daquela que se chama, certa ou erradamente de sádico-oral. Isso é o que escrevo por m , a que se acrescenta tudo o que é real para ele, em particular este real que acaba de ser revelado e não deixa de complicar a situação, a saber, Π , seu próprio pênis (Lacan, 1956: 391).

Segundo Lacan, a função paterna consiste numa metáfora denominada de metáfora paterna, que é “a substituição de um termo significante por outro” (1958: 628). Sua função é incidir sobre as manifestações do real, criando assim uma interpretação para o desejo da mãe, separando-a da mordida (m) – aquela que possui o filho como falo -, e o pênis, órgão de comparação, do pênis que se manifesta involuntariamente.

Hans necessita descolar-se da posição de falo imaginário, objeto que supostamente tamponaria a falta de sua mãe, para poder utilizar-se do falo como elemento mediador entre algo que se apresenta sem sentido (pênis real e nascimento da irmã) e um significante que designe esta “ausência de sentido”, o falo simbólico, segundo Lacan.

Este recobre como uma máscara algo daquilo que não é possível ser dito ou compreendido, mantendo velado sob uma espécie de véu a premissa de que haveria um sentido primeiro que respondesse ao que não é possível significar: a diferença entre os sexos e o real. Esta premissa Lacan chamará de Nome-do-Pai. O falo simbólico, de acordo com Lacan,

(...) é esse significante escolhido como o mais saliente do que se pode captar no real da copulação sexual, e também como o que é mais simbólico no sentido literal. (...) Todas essas afirmações ainda não fazem velar o fato de que ele só pode desempenhar seu papel enquanto velado, isto é, como signo, (...), a partir do momento em que é alçado à função significante (Lacan, 1958 b: 699).

Mas o que é velado para *Hans*? Isto não é muito evidente no caso. Para que algo seja velado é preciso que algo seja proibido de forma que tal proibição delimite um ponto que jamais poderá ser alcançado em termos significantes.

Na solução fóbica de *Hans*, o cavalo como significante irá nomear o desejo da mãe, além de portar a angústia decorrente da relação de complementaridade estabelecida entre eles. Veremos que esta operação assemelha-se à operação da metáfora paterna, com a particularidade, porém, de operar no meio externo.

Por meio de uma escolha significante muito particular, a resposta fóbica tentará solucionar, por intermédio da escolha do significante cavalo, o confronto com o desejo da mãe, a delimitação da angústia e a localização de uma proibição.